

## EXPERIÊNCIA CINÉTICA URBANA E ATMOSFERAS AFETIVAS

*Renato Guimarães Furtado  
Vinícius Andrade Pereira*

**Resumo:** A vivência de uma cidade nos engaja a partir de múltiplos estímulos sensoriais e dinâmicas de movimento, provenientes do contato com humanos, não-humanos, prédios, objetos, automóveis, elementos naturais, dentre outras entidades. Portanto, fundamentados por revisão bibliográfica, tencionamos observar como se processam as experiências em áreas urbanas por intermédio do conceito de atmosferas afetivas. Para atingir nosso objetivo, nos pautaremos pela filosofia de Gernot Böhme e a posterior releitura de seu trabalho por parte dos geógrafos Ben Anderson e Derek McCormack. A partir da noção de atmosferas afetivas, nos tornaremos mais capazes de apreender como as experiências urbanas ocorrem precisamente entre sujeitos e objetos de modo não antropocêntrica. À guisa de conclusão, propomos avançar o estudo das experiências cinéticas urbanas em termos atmosféricos com a complementação fornecida pela Psicogeografia de Guy Debord e pela teoria das mídias elementais de John Durham Peters.

**Palavras-chave:** Atmosferas afetivas. Atmosfera urbana. Mídias elementais. Psicogeografia. Cidade.

### URBAN KINETIC EXPERIENCE AND AFFECTIVE ATMOSPHERES

**Abstract:** The experience of a city engages us through multiple sensory stimuli and kinetic dynamics, arising from our contact with humans, non-humans, buildings, objects, automobiles, natural elements, among other entities. Therefore, based on a literature review, we intend to observe how experiences in urban areas are processed through the concept of affective atmospheres. To achieve our objective, we will utilize Gernot Böhme's philosophy and its subsequent reinterpretation by Ben Anderson and Derek McCormack. Through the notion of affective atmospheres, we will become more capable of understanding how urban experiences occur precisely between subjects and objects in a non-anthropocentric way. To conclude, we propose to complement the study of urban kinetic experiences in atmospheric terms with Guy Debord's Psychogeography and John Durham Peters' theory of elemental media.

**Keywords:** Affective atmospheres. Urban atmosphere. Elemental media. Psychogeography. City.

### EXPERIENCIA CINÉTICA URBANA Y ATMÓSFERAS AFECTIVAS

**Resumen:** La experiencia de una ciudad nos involucra a través de múltiples estímulos sensoriales y dinámicas de movimiento, que surgen del contacto con humanos, no humanos, edificios, objetos, automóviles, elementos naturales, entre otras entidades. Por ello, a partir de una revisión de la literatura, pretendemos observar cómo se procesan las experiencias en el ámbito urbano a través del concepto de atmósferas afectivas. Para conseguir nuestro objetivo nos guiaremos por la filosofía de Gernot Böhme y su posterior reinterpretación de su obra por parte de Ben Anderson y Derek McCormack. A partir de la noción de atmósferas afectivas, seremos más capaces de comprender cómo las experiencias urbanas ocurren precisamente entre sujetos y objetos de una manera no antropocéntrica. Para concluir, proponemos avanzar en el estudio de las experiencias cinéticas urbanas en términos atmosféricos a través de la Psicogeografía de Guy Debord y de la teoría de los medios elementales de John Durham Peters.

**Palabras-clave:** Atmósfera afectiva. Atmósfera urbana. Medios elementales. Psicogeografía. Ciudad.



## 1 INTRODUÇÃO

Uma experiência cinética urbana, que o título do presente artigo apresenta, deve ser entendida como uma experiência sensorial e perceptual envolvendo movimento e interação dentro de um ambiente urbano, como uma cidade. A expressão sugere que a experiência envolve a sensação de estar em movimento e, principalmente, de interagir com elementos arquitetônicos e estéticos da cidade, como pessoas, veículos, edifícios, luzes, sons, temperaturas etc.

Ainda, a experiência pode englobar caminhar pelas ruas da cidade, dirigir por suas vias, usar o transporte público, participar de eventos urbanos ou simplesmente observar a vida urbana em ação. A ideia é que a cidade oferece uma variedade de estímulos sensoriais e oportunidades de interação que criam uma experiência dinâmica, afetiva e envolvente para quem a vive ou a visita.

O movimento de se deslocar sobre uma cidade conta com referências diversas como modos de orientação. Algumas explícitas e objetivas, como os mapas e placas informativas, outras mais fluidas em suas significações, como a memória, os conjuntos imaginários tecidos coletiva e/ou individualmente, sons, cheiros, dentre outras impressões, que conferem sentidos e significados a diferentes bairros e regiões por onde se mova.

Com as tecnologias de geolocalização, uma nova camada de representação e de sentidos é oferecida à experiência cinética urbana. *Aplicativos* como o *Citymapper*, *Google Map* ou o *Waze*, por exemplo, apontam caminhos mais ágeis, rotas para diferentes meios (carro, transporte público, bicicleta ou a pé), a disponibilidade de transporte público, espaços culturais, serviços e comércio diversos, museus, praças, parques etc., contando ainda com comentários e colaboração do público usuário. Essa participação ou colaboração do público em tais aplicativos revela uma abertura para uma questão que reafirma o tópico evocado acima, e cara ao presente artigo: como referências e representações objetivas e formais, como mapas, placas

e sinalizações de uma cidade, se mesclam o tempo todo com outras formas de representação, como crenças, imaginários, opiniões e histórias sobre os lugares, expressões sensoriais como sons, cheiros e climas dos bairros e regiões específicas – e clima aqui deve ser entendido tanto como temperatura, quanto como a “personalidade” ou marca identitária de um dado espaço e/ou lugar –, conformando não apenas modos de orientação, mas também significações e afetos em um complexo tecido urbano?

Acessórios essenciais nos modos de se movimentar pelas cidades contemporâneas, os aplicativos de geolocalização nos lembram, ainda, que as práticas de deslocamento e de exploração de uma cidade, como quaisquer outras práticas culturais, são passíveis de uma história: movimentos e transportes que se dão em tempos distintos, para fins diversos, através de meios os mais variados, com sociabilidades e modos múltiplos de ordenações e de significações das cidades.

A virada do século XIX para o XX traz um inchaço das metrópoles modernas, redefinindo os modos de deslocamento e de trânsito das suas populações e, conseqüentemente, da qualidade dessa experiência. Ben Singer (2004) sugere, a partir da obra de pensadores como Benjamin, Simmel e Kracauer, o termo *modernidade neurológica*, como perspectiva para ampliar o entendimento da modernidade, para além de suas dimensões política, cognitiva e socioeconômica, amplamente debatidas e conhecidas. “A modernidade implicou um mundo fenomenal – especificamente urbano – que era marcadamente mais rápido, caótico, fragmentado e desorientador do que as fases anteriores da cultura humana” (SINGER, 2004, p. 95).

A ideia de uma modernidade neurológica visa a enfatizar aspectos das relações entre mente/corpo, tecnologias e capitalismo tardio, em particular, aquelas que emergem nas grandes cidades na alvorada do século passado, e que sugerem um esgotamento psíquico das suas populações. Explora uma nova experiência para os habitantes dos recém inflacionados centros

urbanos europeus e norte-americanos que é marcada, particularmente, pelas ideias de *choque* e de *sobrecarga do sistema neural*.

Em meio à turbulência sem precedentes do tráfego, barulho, painéis, sinais de trânsito, multidões que se acotovelam, vitrines e anúncios da cidade grande, o indivíduo defrontou-se com uma nova intensidade de estimulação sensorial. A metrópole sujeitou o indivíduo a um bombardeio de impressões, choques e sobressaltos. O ritmo de vida também se tornou mais frenético, acelerado pelas novas formas de transporte rápido, pelos horários prementes do capitalismo moderno e pela velocidade sempre acelerada da linha de montagem (SINGER, 2004, p. 95-96).

A ideia de *choque*, central na abordagem neurológica da modernidade, deve ser entendida como uma experiência que revela a inaptidão do sistema corpo/mente dos cidadãos recém-chegados às metrópoles para responder a uma demanda súbita para perceber, sentir e processar informações diversas, intensas, repentinas e concomitantes, presentes em um espaço comum. Demanda essa quase sempre excessiva e difícil de ser atendida sem o sobrecarregamento do sistema nervoso. Esse sobrecarregamento, por sua vez, acabava por gerar um sentimento de abatimento e alheamento do cidadão – a famosa *atitude blasé* proposta por Simmel – que, por sua vez, acabava por exigir, para a saída desse estado de torpor, emoções fortes e súbitas, como experiências de choque e de hiperestímulo<sup>1</sup>. Nesse sentido, a perspectiva aberta por Singer é a de que, a partir dos autores mencionados, mas também da leitura dos jornais da época e das críticas de reformistas sociais de então, habitar e se deslocar por uma metrópole moderna era, fundamentalmente, uma experiência chocante, com sobrecarga do sistema nervoso, tendo como efeito, ainda, a aquisição de um vício pela excitação e pelo hiperestímulo, complexificando o quadro emocional dos transeuntes.

Sem querer exaurir a complexidade de questões que o trabalho de Singer traz na discussão de temas não menos complexos, como modernidade, psicologia, sensacionalismo, entretenimento e cidade, dentre outros, a recorrência à ideia de modernidade neurológica é rentável para os

encaminhamentos do presente artigo, uma vez que sugere como aspectos sensoriais, afetivos e psíquicos são afetados por dinâmicas e espaços urbanos. Tal abordagem pode ser considerada, de algum modo, precursora de outras que nos interessam para pensar o referido tema, particularmente a ideia de *Atmosferas Afetivas*, tal como apresentamos em seguida. Por fim, propomos a adição do som como um modo de materializar aspectos das relações entre atmosferas afetivas e cidades, para concluir em nossas considerações finais a perspectiva de estender a proposta investigativa aqui apresentada em diálogos com outras perspectivas afins, como a *Psychogeography* e a *Elemental Media*. Em comum, tais abordagens seguem trilhas que permitem explorar relações entre espaços, sensorialidades e afetos, o que poderá colaborar no entendimento acerca das questões e desafios que as cidades contemporâneas apresentam para uma perspectiva de estudo que considere suas estéticas – perspectiva esta que deve ser compreendida como o estudo de processos cognitivos e afetivos acionados por dinâmicas sensoriais, quando se considera deslocamentos humanos sobre espaços urbanos.

## 2 ATMOSFERAS AFETIVAS

Para começar a tratar do uso da atmosfera como conceito afetivo, sensorial e experiencial faz-se necessário rumar à fonte de uma considerável porção das pesquisas contemporâneas que empregam uma abordagem atmosférica, daquelas orientadas pela fenomenologia àquelas vinculadas ao neomaterialismo: o filósofo germânico Gernot Böhme, falecido em 2022. Um dos pioneiros da ecocrítica na Alemanha, o autor interessou-se pelo conceito de atmosfera justamente para observar esteticamente certos fenômenos ambientais que excediam a mensuração científica.

Como ilustração de sua empreitada, Böhme (2017b, p. 1) utiliza o exemplo de um sentimento frequentemente compartilhado pelos habitantes de Darmstadt, sua cidade natal: a de que havia um mau odor constantemente presente no ar. À época, o consenso era de que o cheiro ruim seria

proveniente dos compostos químicos lançados pela fábrica da farmacêutica Merck localizada na cidade. No entanto, após um estudo conduzido pelos cientistas da empresa, descobriu-se que não havia substâncias tóxicas causadoras de maus odores espalhados pelo ar; ainda assim, os habitantes de Darmstadt permaneciam com a mesma sensação. Isto levou Böhme a teorizar que a experiência humana de um ambiente dependia não apenas de fatores cientificamente mensuráveis, mas também de afetações sensoriais que desembocavam em emoções humanas específicas. Na obra de Böhme, tal mediação entre fatores ambientais objetivos e sentimentos estéticos subjetivos é justamente a atmosfera.

Esta acepção afetiva deriva em parte do entendimento meteorológico do conceito; uma genealogia da atmosfera, da forma como aqui empregamos o termo, deve também observar suas raízes médicas, uma vez que, nas línguas alemã e francesa do século XVIII, a ideia de atmosfera era utilizada para referir-se a eflúvios corporais diversos (RIEDEL, 2019). Contudo, acreditamos que o sentido climático do conceito é mais relevante para compreendermos atmosferas em sua dimensão afetiva. De acordo com Matthew Gandy (2017, p. 354-355), a etimologia do vocábulo é a junção das palavras em grego para vapor e esfera, sendo a primeira deles, *atmos*, herdeira do vocábulo *atman*, do sânscrito, que significa sopro, vida ou alma.

É este sentido de envelopamento – de um planeta por sua camada de gases, por exemplo – que fará o conceito de atmosfera exceder o campo puramente meteorológico, a partir do século XVIII, para definir a emoção geral associada a um lugar, a uma situação ou a um produto cultural, tal qual um livro ou filme, emoção geral esta que modifica a experiência humana. Atmosferas, em sua faceta afetiva, são espaços sensorialmente afinados que denotam a sobriedade de uma reunião austera ou a melancolia de um jardim, por exemplo; estes espaços, entretanto, não devem ser compreendidos a partir de uma perspectiva geométrica euclidiana, mas sim por meio da teoria de Hermann Schmitz, que identificava atmosferas como

espacialidades a-superficiais, sem bordas, disseminadas e não localizáveis (BÖHME, 2017b).

Ainda que não seja nossa intenção trilhar todas as implicações filosóficas da abordagem atmosférica, é necessário que pensemos acerca do problema metafísico que as atmosferas nos colocam quando refletimos acerca de sua espacialidade. Considerando a ontologia clássica, relativa à dicotomia sujeito-objeto, seriam atmosferas propriedades dos objetos, das coisas e dos lugares? Ou, então, estariam localizadas nos sujeitos, emergindo emocionalmente de seus interiores? A resposta é que as atmosferas não estão localizadas em nenhum dos dois polos, mais precisamente no que há entre eles; atmosferas emergem tão somente no encontro entre os dois polos de uma dada relação, o que nos leva a reconsiderar o mundo diante dos impactos intangíveis, porém material e sensorialmente impactantes das atmosferas, esta realidade comum, como postulou Böhme, daquele que percebe e daquilo que é percebido (ALBERTSEN, 2019, p. 2-3). Portanto, a atmosfera “é aquilo que relaciona fatores objetivos e as constelações ambientais com as minhas sensações corporais naquele ambiente. Isto significa: a atmosfera é o que está entre [...]. Logo, atmosferas são quase-objetivas ou algo que existe intersubjetivamente” (BÖHME, 2017b, p. 1-2, tradução nossa).

A despeito de Böhme não necessariamente promover uma teoria não-antropocêntrica – ainda que ele meramente questione o antropocentrismo, dito de outro modo, sem perturbá-lo efetivamente –, o caráter ontologicamente impreciso, vago e indeterminado das atmosferas (2017b, p. 11-12) será fundamental para um redirecionamento da abordagem atmosférica para além do terreno do corpo humano. Isto porque o conceito de atmosfera, conforme a leitura de geógrafos como Ben Anderson e Derek McCormack, seguindo a importância que Böhme concede aos objetos na geração de atmosferas, permite complexificar as noções de sujeito, de humano e de agência (GANDY, 2017, p. 357).

Oferecendo um caminho para tensionar dicotomias derivadas do dualismo sujeito-objeto como aquelas que separam presença e ausência, materialidade e imaterialidade, definido e indefinido, atmosferas são entendidas, na perspectiva geográfica, como campos de força afetivos que são, ao mesmo tempo, intimamente conectados aos corpos que os compõem; e autônomos a eles, existindo para além e independentemente deles (ANDERSON, 2009, p. 80). Na releitura de Böhme promovida por Anderson, McCormack e outros autores, as atmosferas condicionam os modos de estar e agir no mundo e o estabelecimento de relações não apenas dos humanos para com as outras entidades e o ambiente ao seu redor (BÖHME, 2017a, p. 70) mas também os modos de estar, agir e relacionar-se no mundo de não-humanos, objetos e elementos planetários.

Antes de explorarmos em mais detalhes as implicações de tratar atmosferas como campos de força afetivos, é preciso, evidentemente, considerar o papel dos afetos nesta linha de pensamento. Não nos aprofundaremos em todos os meandros dos debates acerca das distinções entre afeto e emoção, optando por seguir aqui com a visada spinozista – e posteriormente deleuziana – do conceito. Portanto, seguindo McCormack (2008, p. 414), entenderemos afetos no presente trabalho não como sentimentos – a intensidade registrada em corpos sensíveis –, nem como emoções – expressões socioculturais de tais intensidades –, mas sim como intensidades pré-pessoais, não-cognitivas, transcorporais e relacionais. Partir desta acepção nos possibilita observar como atmosferas, meteorológicas e afetivas, são resultados de processos e encontros entre humanos, não-humanos, objetos e elementos climáticos, por exemplo; e como são experimentadas pelos corpos que as formatam a partir de suas relações.

É interessante perceber como Böhme, à sua própria maneira e sem recorrer a Spinoza ou Deleuze, observará modos de afetação semelhantes, transcorporais e não-cognitivos, em sua teoria atmosférica: tratam-se dos êxtases dos objetos (BÖHME, 2017b). Derivado do grego *ekstasis*, este

conceito aponta para a maneira como os objetos irradiam suas propriedades no espaço a-superficial e sem bordas da atmosfera – ou seja, o modo como objetos causam impressões sensíveis. Ao deslocarmos o humano do centro, abre-se uma via para relacionar as irradiações ou os êxtases de um objeto com os afetos no sentido spinozista, visto que os objetos, ao irradiarem suas propriedades, afetam outros objetos e outros corpos. Nisto, não se trata de pensar na forma ou em propriedades essenciais das coisas, em suas aparências ou essências, mas sim em como agem e como fazem outros corpos agirem.

A partir daqui é possível começar a compreender mais propriamente como o conceito de atmosfera complica a noção de subjetividade e agência humana, tanto a partir de Spinoza, quanto a partir de Böhme. Para o filósofo neerlandês, e de acordo com a releitura de sua obra por Deleuze, conforme explicitado por McCormack (2008, p. 418), os corpos não são definidos por propriedades orgânicas nem funcionais; não são definidos pelo tipo de matéria que embasa sua constituição, sua composição. Com efeito, o que um corpo é deve ser entendido como o que um corpo faz ou pode fazer, agência corporal esta que se distribui em dois eixos distintos: um relacionado às propriedades cinéticas do corpo, no sentido de seu movimento ou de sua inércia, de sua velocidade e de sua lentidão; e outro relativo às propriedades dinâmicas, a capacidade que um corpo tem de ser afetado e de afetar outros.

Para a teoria das atmosferas afetivas, a relacionalidade do pensamento de Spinoza será valiosa para pensar como certos encontros afetivos aprimoram a capacidade de afetação e de experiência do afeto de certos corpos, enquanto deterioraram esta mesma capacidade em outros corpos. Consequentemente, a leitura deleuziana de Spinoza é fundamental para avançar o entendimento acerca da afetação transcorporal para além do humano, nos permitindo analisar como uma lufada de vento, por exemplo, afeta outros corpos de maneira cinética e dinâmica.

Já em Böhme (2017b, p. 19), apesar dos ecos antropocêntricos de sua obra, o conceito de irradiação trata tanto da afetação causada pelas chamadas qualidades secundárias das coisas – aquelas que emergem do objeto a partir da percepção do sujeito –, quanto de suas qualidades primárias, que teoricamente independem de um sujeito perceptor, como a extensão de um objeto no espaço e sua forma. Logo, na visada do filósofo alemão, todas as propriedades de um objeto, tanto as que dependem da percepção do sujeito segundo a filosofia clássica, quanto as que não dependem, geram efeitos significativos na produção de atmosferas no sentido de que as atmosferas são precisamente formatadas também pelas irradiações dos objetos ou das constelações de objetos.

A partir de Böhme, (2017a, p. 52-53) o conceito de irradiação implicará a formação de uma espécie de ontologia extática em que o ser – seja dos objetos, seja dos humanos, por exemplo – revela-se por meio dos traços que irradia presentemente no espaço, aqui e agora; os corpos, assim como em Spinoza, não são definidos por uma essência, mas sim pelas infindáveis formas das quais dispõem para se fazerem presentes através da irradiação de suas propriedades e, conseqüentemente, da forma como estes êxtases impactam outros corpos ao redor por meio da atmosfera.

Agora, sim, estamos melhores equipados para compreender os motivos pelos quais geógrafos como Ben Anderson e Derek McCormack entendem atmosferas como campos de força afetiva. Apreendendo corpos e suas afetações/irradiações a partir de Spinoza e Böhme, atmosferas tornam-se mais do que espaços que permitem a movimentação de corpos e mesmos as afetações entre eles; atmosferas, com efeito, são o produto da composição relacional das afetações transcorporais cinéticas e dinâmicas, em termos spinozistas (MCCORMACK, 2008, p. 418-419), ou das irradiações dos seres, na terminologia de Böhme.

Contudo, assim como a atmosfera meteorológica é dependente das interações gasosas que a formatam, interações estas que, quando

modificadas, reconfiguram a própria composição atmosférica, atmosferas afetivas são espaços-temporais de intensidade jamais fixados, nunca dados, em perpétua dinâmica de formação e decomposição, de emergência e dissipação, à medida que as relações afetivas transcorporais são estabelecidas e re-estabelecidas (ANDERSON, 2009, p. 79-80). Em suma, atmosferas afetivas são produzidas pelas relações entre corpos – humanos, não-humanos, corpos de coisas, corpos de elementos naturais – que, por sua vez, têm suas movimentações e agências possibilitadas ou limitadas pela própria atmosfera afetiva, a partir daí renovando-a, reconstruindo-a, reformatando-a, em uma ação recursiva.

Tal como Böhme, que partiu de uma sensorialidade generalizada acerca das afetações produzidas em Darmstadt para aproximar-se de um entendimento acerca da experiência sensível daquele local, lançar um olhar para as cidades e a formação de espaços urbanos – particularmente em suas dimensões sonoras – é um meio que oferece caminhos variados para observar empiricamente a noção de atmosferas afetivas como campos de força e intensidade espaço-temporais.

### **3 A MULTISSENSORIALIDADE DAS ATMOSFERAS URBANAS**

Apesar de nosso interesse geral em uma abordagem não antropocêntrica para a teoria das atmosferas afetivas, nos concentraremos mais propriamente na dimensão da experiência humana no presente tópico – sem perder de vista, no entanto, a relevância da agência dos objetos, dos não-humanos e dos elementos naturais, por exemplo, para a formação de atmosferas afetivas. Mesmo porque, aqui, desejamos partir da abordagem do urbanismo associativo, em tradução livre do termo *assemblage urbanism* (SHAW, 2014, p. 87-88), que orienta a pesquisa acerca das cidades e espaços urbanos rumo ao entendimento de que a cidade é continuamente construída, produzida, formatada e reformatada por uma variedade de práticas e materialidades que não necessariamente são humanas.

Inspirado na teoria ator-rede (TAR) latouriana, o urbanismo associativo parte do princípio de que, assim como a sociedade em Latour, a cidade e o urbano nada explicam, mas sim precisam ser explicados a partir do rastreamento das conexões entre as entidades que a conformam; e está interessado em observar a cidade como um processo de emergência, de estabilização relativamente duradoura cuja forma pode ser alterada e reagregada através das relações entre seres, objetos e elementos naturais e físicos.

Os processos de gentrificação – ou seja, a valorização imobiliária de uma determinada área de baixa condição socioeconômica e o consequente deslocamento e segregação dos residentes originais do local – oferecem inúmeros exemplos de como cidades e suas atmosferas nunca são dadas, mas sempre produzidas. Em um estudo sobre a composição das atmosferas afetivas da gentrificação, a pesquisadora polonesa Olga Lojewska (2023, p. 107-109), sugere que tal fenômeno imobiliário produz uma alteração não só no panorama arquitetônico e urbanístico dos bairros gentrificados, como também pode gerar inúmeros resultados afetivo-atmosféricos. São geradas, por exemplo, atmosferas de exclusão experimentadas por aqueles cuja presença corporal é tornada indesejável pela transformação imobiliária local.

Por outro lado, dada a progressiva ocupação do território por classes mais abastadas, podem ser produzidas atmosferas de segurança e regulação de comportamentos a partir da introdução de câmeras de monitoramento e efetivos estatais de patrulhamento regular em bairros anteriormente marcados pela violência e pela criminalidade. Assim, a partir do momento em que uma área gentrificada altera a paisagem geral de uma cidade, a própria atmosfera urbana é modificada, considerando as novas práticas e materialidades em jogo nestes locais. Em suma, cidades e suas atmosferas afetivas são produtos de uma série de ordenamentos, construções e agregações derivadas do encontro entre materialidades diversas (SHAW, 2014, p. 91).

Ainda nos atendo aos exemplos fornecidos pela gentrificação, outro ponto importante a ser ressaltado acerca do estudo de atmosferas urbanas é que estas não podem ser reduzidas à visão. Tratar da alteração arquitetônica de um bairro ou da instalação de câmeras de segurança certamente nos convoca a pensar sobre os aspectos visuais destes elementos, mas não é possível desconsiderar o impacto dos outros estímulos sensoriais para a formatação e a experimentação de atmosferas. De fato, não só o próprio conceito de atmosfera envolve a multissensorialidade (ALBERTSEN, 2019, p. 4), como também é fundamental que observemos nossa imersão na contemporânea cultura comunicacional, midiática e espetacular, que progressivamente busca envolver e engajar todos os nossos sentidos de uma só vez (PEREIRA, 2013).

Um exemplo disto é o modo como Böhme (2017, p. 125-126) partirá da obra do psiquiatra Hubertus Tellenbach – precursor dos estudos de atmosfera – e dos específicos odores da cidade de Paris para argumentar que os elementos olfativos são essenciais para a constituição atmosférica de uma cidade, à medida que integram atmosferas e atmosferas nos auxiliam a identificar lugares e a nos identificar nestes lugares, alterando nossa experiência sensorial. Niels Albertsen, por sua vez, defende que as sonoridades e os dados acústicos das cidades – não aqueles cientificamente mensuráveis para fins de ordenamento público, mas aqueles provenientes de atividades humanas e não-humanas em conjunção –, são elementos essenciais para suas atmosferas: Veneza, por exemplo, seria caracterizada pela mistura dos sons dos passos e vozes dos pedestres, do ruído das águas dos canais e do barulho dos motores automotivos (2019, p. 8-9).

Portanto, a atmosfera de uma cidade, segundo Böhme (2017, p. 127-128), é a maneira como a vida desenvolve-se no espaço urbano em questão – e em tal desenvolvimento, como ressaltado anteriormente em nossa abordagem não antropocêntrica, devemos considerar também a atividade das entidades não-humanas, dos objetos e dos elementos naturais e físicos. Dada a multissensorialidade da experiência atmosférica, não se pode, portanto,

equacionar a atmosfera de uma cidade à sua imagem: em primeiro lugar porque atmosferas não se reduzem à visão e, na sequência, porque a imagem é uma representação da cidade frequentemente produzida para consumo externo, uma espécie de idealização corriqueiramente turística. Poderíamos dizer, então, que a imagem – ou melhor seria dizer, identidade – de uma cidade está contida em sua atmosfera. Mas afirmar que a atmosfera de uma cidade não se esgota em seus aspectos visuais e que a própria experiência atmosférica é multissensorial não precisa ser o ponto de chegada da análise acerca das atmosferas urbanas; com efeito, a partir do som e da dimensão acústica das cidades, é possível atingir camadas mais profundas acerca de como atmosferas agem e fazem corpos agir.

Segundo Matthew Gandy (2017, p. 358), se recuperarmos a ideia de que atmosferas são espacialidades a-superficiais e sem bordas e elementos que existem no meio, no espaço entre os dualismos, isto pode nos remeter diretamente ao som. Afinal de contas, assim como as atmosferas, o som é imaterial e oscilatório, mas, ainda assim, profundamente material e específico no sentido de que afeta e mobiliza corpos, humanos ou não. Pelo fato de que o som se movimenta por espaços independentemente do sujeito ouvinte, ele nos ajuda a exemplificar a porosidade espacial das atmosferas, complexificando o que está dentro e o que é externo. Observar a dimensão sonora de uma atmosfera urbana é olhar diretamente para a suspensão, mesmo que momentânea, das divisões de espaços, planejadas ou não, de uma cidade.

Considerar o som deste modo (BÖHME, 2017, p. 130-132), como um elemento cogedorador de atmosferas e, conseqüentemente, para além da perspectiva do planejamento urbano e dos desejos de controle e redução de ruídos e da poluição sonora, nos encaminha para um entendimento mais complexo das maneiras como cidades comunicam-se com humanos, não-humanos, objetos, etc. O som, na perspectiva atmosférica, deve ser um dos muitos pontos de partida essenciais, portanto, para atingir uma compreensão mais rica da experiência urbana.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Guy Debord é conhecido como o autor da ideia de espetacularização das sociedades (pós)modernas, a partir do livro “A Sociedade do Espetáculo”, obra influente e citada por muitos críticos ao sistema das indústrias do entretenimento, ainda hoje. Contudo, Debord é pouco conhecido como um dos fundadores de um campo de conhecimento original, a Psicogeografia<sup>2</sup>, campo este que pode muito acrescentar ao debate trazido pelo presente artigo.

Debord é autor de um artigo seminal sobre o tema, intitulado “Introdução à Crítica da Geografia Urbana”, publicado na revista belga *Les Lèvres Nues*, em 1955, no qual o autor explicita suas ideias acerca da Psicogeografia.

A mudança súbita de ambiente em uma rua dentro do espaço de poucos metros; a divisão evidente de uma cidade em zonas de atmosferas psíquicas distintas; o caminho de menor resistência que é automaticamente seguido em passeios sem rumo (e que não tem relação com o contorno físico do terreno); o caráter atraente ou repelente de certos lugares – tudo isso parece ser negligenciado. Em qualquer caso, nunca é considerado como dependendo de causas que podem ser descobertas por uma análise cuidadosa voltada para o uso prático. As pessoas têm plena consciência de que alguns bairros são tristes e outros agradáveis. Mas geralmente simplesmente assumem que ruas elegantes causam uma sensação de satisfação e que ruas pobres são deprimentes, e deixam por isso mesmo. Na verdade, a variedade de combinações possíveis de ambientes, análogas à mistura de produtos químicos puros em um número infinito de misturas, dá origem a sentimentos tão diferenciados e complexos quanto qualquer outra forma de espetáculo pode evocar. A investigação mais superficial e desmistificadora revela que as influências qualitativa ou quantitativamente diferentes de diversos ‘decors’ urbanos não podem ser determinadas apenas com base na época ou estilo arquitetônico, muito menos com base nas condições habitacionais (DEBORD, 1955, n.p., tradução nossa).

O interesse pela Psicogeografia se justifica por reconhecermos na abordagem debordiana uma perspectiva que claramente dialoga com a ideia de Atmosferas Afetivas, ao enfatizar a importância dos aspectos

arquitetônicos, geográficos e materiais na modulação dos afetos, tal como vimos tratando no presente artigo.

A psicogeografia poderia estabelecer para si mesma o estudo das leis precisas e dos efeitos específicos do ambiente geográfico, conscientemente organizado ou não, sobre as emoções e o comportamento das pessoas. O adjetivo “psicogeográfico”, mantendo uma vaguidade bastante agradável, pode, portanto, ser aplicado às descobertas resultantes desse tipo de investigação, ao seu impacto nos sentimentos humanos e, de forma ainda mais geral, a qualquer situação ou conduta que pareça refletir o mesmo espírito de descoberta (DEBORD, 1955, n.p., tradução nossa).

Psicogeografia refere-se, assim, à percepção emocional que uma pessoa tem de um espaço físico imediatamente após entrar nele. É a ideia de que, ao adentrar um ambiente, nossa mente rapidamente tece impressões sobre esse lugar, com base em sensações, experiências anteriores e, possivelmente, até mesmo instintos de preservação e segurança.

Essa percepção inicial pode ser influenciada por vários fatores, como a estética do espaço, sua atmosfera, a presença de outras pessoas e nosso próprio estado emocional. É uma maneira de compreender como os espaços físicos afetam nossas emoções e como nossa psicologia desempenha um papel na interpretação de nossos arredores e ambientes.

Psicogeografia pode ser entendida, ainda, como uma prática que envolve um passeio intencional pela cidade, com o objetivo de explorar e mapear efeitos psicológicos e emocionais do ambiente urbano nas pessoas. Essa abordagem busca entender como a *arquitetura*, o layout das ruas, a paisagem urbana e outros elementos do ambiente influenciam nossas emoções, comportamentos e percepções.

A ideia de Psicogeografia foi proposta, originalmente, por grupos de vanguarda no século XX, primeiramente pelos Lettristas e, em seguida, apropriada pelos Situacionistas, na França, nas décadas de 1940 e 1950, que acreditavam que o ambiente urbano poderia ser transformado para criar uma sociedade mais livre e consciente.

Os praticantes da psicogeografia muitas vezes se engajam em caminhadas ou passeios pela cidade, seguindo rotas não convencionais, para experimentar o ambiente de maneira mais profunda e consciente, documentando eventualmente suas observações, sentimentos e pensamentos ao longo do percurso, criando mapas psicogeográficos que revelam aspectos ocultos da cidade e sua influência sobre as pessoas.

A pesquisa à qual somos levados a realizar sobre a disposição dos elementos do cenário urbano, em estreita relação com as sensações que eles provocam, implica em hipóteses audaciosas que devem ser constantemente corrigidas à luz da experiência [...] (DEBORD, 1955, n.p., tradução nossa).

Apostamos que a psicogeografia continua sendo um manancial de ideias e referências inspiracionais importantes para se pensar e explorar as cidades contemporâneas, em uma perspectiva que considere as dimensões arquitetônicas e afetivas dos espaços urbanos. Trata-se, assim, de campo de estudos com os quais a nossa pesquisa sobre as atmosferas afetivas deve dialogar em desdobramentos e estudos futuros. Um outro campo que nos interessa um diálogo, quando consideramos a continuidade de nossas investigações, é o da *Elemental Media*.

A obra de John Durham Peters, “The Marvelous Cloud: Towards a Philosophy of Elemental Media” (2015), pode ser considerada como um dos marcos quando se pensa a ideia de uma área dentro dos estudos de mídias que atenda pela denominação de *Elemental Media*. Nessa obra, Peters propõe uma redefinição da ideia de mídia em uma abordagem inclusiva, na qual qualquer coisa que esteja intermediando relações que afetam outras coisas possam ser compreendida como tal: “meio sempre significou um elemento, ambiente ou veículo no meio de coisas” (PETERS, 2015, p. 46).

Nesse contexto, um “meio” (*medium*) não é apenas um meio de comunicação ou uma tecnologia específica, mas algo que desempenha o papel de conectar ou estar no centro de várias interações ou processos, em

uma abordagem claramente em diálogo com a TAR (Teoria Ator Rede), de Latour.

Essa definição ampla de meio sugere que as mídias não se limitam a dispositivos de comunicação, como rádio, televisão ou internet, mas podem incluir qualquer elemento ou ambiente que desempenhe um papel essencial na transmissão de informações, significado ou interações. Isso pode variar desde a linguagem escrita e oral até objetos físicos, paisagens naturais e até mesmo o ambiente social e urbano em que vivemos.

Peters (2015) traz uma perspectiva abrangente para se pensar, não apenas a comunicação, mas os modos como as pessoas e sociedades são afetadas pelas mídias em um sentido amplo, derivada diretamente do seu entendimento acerca da ideia de significado, termo caro aos estudos de comunicação. Propõe que o termo *significado* não seja entendido apenas em referência à ideia de “conteúdo mental intencionalmente projetado para dizer algo a alguém”, mas também como “repositórios de dados legíveis e processos que sustentam e permitem a existência” (2015, p. 4). Essa acepção ampla do termo *significado* abre caminho para a ideia de que a natureza em si possui significados passíveis de leituras por meio do que chamamos de mídias, que são “dispositivos de ordenação civilizacional” que nos permitem interpretar o mundo ao nosso redor (PETERS, 2015, p. 5). É nesse sentido que nuvens, mares, céus e ambientes em geral, como cidades, poderão ser considerados mídias também. Ou seja, meios nos quais significados são estruturados, percebidos e processados semioticamente, considerando a (infra)estrutura dos seus elementos constituintes. Pensemos, a título de exemplo, em um céu estrelado e como tal visão pode ser plena de significados diversos, dependendo de como a mídia *céu* pode ser lida por diferentes pessoas, considerando as relações que estabeleçam entre os seus elementos, ou seja, os astros que se dispõem em uma determinada ordem e posição no céu, em um dado momento. Leituras e interpretações distintas de um mesmo *céu-texto*, feita

por pessoas como formações e afetividades distintas: astrônomos, astrólogos, navegadores, poetas, magos etc.

A perspectiva aberta por Peters enfatiza a ideia de que as mídias desempenham um papel fundamental em nossa compreensão do mundo e das interações humanas, e não se limitam apenas aos meios de comunicação tradicionais. Elas estão no centro de como percebemos e nos relacionamos com nosso ambiente e com os outros, desempenhando um papel essencial na formação de nossa experiência e significação do nosso ambiente e mundo. Portanto, o estudo das mídias deve levar em consideração essa diversidade de elementos que atuam como mediadores/médium/meio no contexto da comunicação e da cultura.

Peters argumenta, então, que “para estudar mídia você não pode apenas estudar mídia” (2015, p. 29). Isso significa ampliar o campo de conhecimento para além dos estudos de mídias tradicionais, para campos outros, como a biologia, a física, a astronomia, ou a geografia, como modo de compreender melhor o ambiente e as relações mediadoras das coisas, umas sobre as outras. Para ele, as mídias são elementos no meio de outros elementos que afetam o mundo ao seu redor.

A busca pelos fundamentos nos leva à infraestrutura, que é a base das mídias. A ontologia das mídias está enraizada em sua infraestrutura, que muitas vezes é esquecida. Portanto, os historiadores de mídia devem examinar o mundano, o dado como certo e o entediante, em vez de se concentrarem apenas em mídias de gravação, reprodução ou transmissão. Os materiais de que são feitas, suas formas e impactos de descarte quando obsoletas, o mercado, a cultura em que emerge, seus vieses temporais ou espaciais, tudo isso deve ser considerado ao pensar a (infra)estrutura das mídias e suas relações com o mundo.

Desse modo, Peters desafia, também, a ideia de agência humana, sugerindo que devemos questionar tal agência à luz da compreensão da estrutura das coisas em suas relações com outras coisas, incluindo relações entre

minerais e minerais, minerais e vegetais, minerais e animais, animais e vegetais, animais e animais e, assim, sucessivamente, sempre recortando sistemas de análise específicos conforme o foco do problema que se queira investigar, mas sem perder, nunca, as relações de codependência que esses sistemas apresentam entre si.

Fica bastante claro que a abordagem de mídia proposta por Peters se abre em diálogo direto com o campo das atmosferas afetivas, por tudo que apresentamos sobre este campo especificamente.

Apresentar nas considerações finais do presente artigo, ainda mais de modo breve e genérico, dois novos campos de investigação como a psicogeografia e as mídias elementais pode soar mais como movimentos textuais introdutórios do que conclusivos. Contudo, a intenção aqui é evocar interlocutores, ideias e perspectivas que contribuam na elaboração de uma intuição sobre certos fenômenos e dinâmicas socioculturais contemporâneas valiosos para nossas investigações. Intuição essa que sugira que a complexidade de certos temas que vêm sendo estudados como objetos à parte por certa tradição acadêmica – em particular aquela que considera demasiadamente séria a cisão opositiva entre ciências naturais e ciências humanas – não pode dar conta das porosidades e cumplicidade que unem de modo original esses mesmos temas. Temas tais como afetos e cidades, sensorialidades e espaços urbanos, psiquismo e ambiente, atmosferas e afetos, céu e poesia, matéria e espírito, não são tomados como objetos isolados ou, mesmo, antinômicos em alguns casos, pelas perspectivas consideradas. Ao contrário, o que as abordagens investigativas que a atmosfera afetiva, a psicogeografia e as mídias elementais nos ensinam é a necessidade de um enquadramento maior e mais inclusivo no tratamento de temas complexos.

## REFERÊNCIAS

ALBERTSEN, Niels. Urban Atmospheres. **Ambiances**, Grenoble, p. 1-21, 2019.

ANDERSON, Ben. Affective atmospheres. **Emotion, Space and Society**, Amsterdã, v. 2, p. 77-81, 2009.

BÖHME, Gernot. **Atmospheric Architectures: The Aesthetics of Felt Spaces**. Londres & Nova Iorque: Bloomsbury, 2017a.

BÖHME, Gernot. **The Aesthetics of Atmospheres**. Londres & Nova Iorque: Routledge, 2017b.

DEBORD, Guy. Introduction à une critique de la géographie urbaine. **Les Lèvres nues**, Bruxelas, n. 6, set. 1955.

GANDY, Matthew. Urban atmospheres. **Cultural Geographies**, Thousand Oaks, v. 24, n. 3, p. 353-374, 2017.

LOJEWSKA, Olga. Affective atmospheres of gentrification: wellbeing amid neighbourhood change. **Society Register**, Poznan, v. 7, n. 1, p. 95-116, 2023.

MCCORMACK, Derek. Engineering affective atmospheres on the moving geographies of the 1897 Andrée expedition. **Cultural Geographies**, Thousand Oaks, v. 15, p. 413–430, 2008.

PEREIRA, Vinícius Andrade. Entretenimento como linguagem e multissensorialidade na comunicação contemporânea. In: Intercom, XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2013.

PETERS, John Durham. **The Marvelous Clouds: Toward a Philosophy of Elemental Media**. Chicago: University of Chicago Press, 2015.

RIEDEL, Friedlind. Atmosphere. In: SLABY, Jan; SCHEVE, Christian von. **Affective Societies: Key Concepts**. Londres: Routledge, 2019, p. 85-95.

SHAW, Robert. Beyond night-time economy: Affective atmospheres of the urban night. **Geoforum**, Amsterdã, v. 51, p. 87-95, 2014.

SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. (Orgs.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac Naify, 2004, p. 95-123.

WOOD, Denis. Lynch Debord: About Two Psychogeographies. **Cartographica**, Toronto, v. 45, n. 3, p. 185-200, 2010.

---

**Notas:**

- 1 Termo proposto pelo reformista social Michael Davis para descrever a experiência sensorial característica dos moradores da cidade de Nova Iorque, no início do século XX (SINGER, 2004).
  - 2 As origens do movimento sugerem uma diversidade de atores partícipes. Ao mesmo tempo em que Debord faz referência à Psicogeografia como de origem Cabilia, sabe-se que originalmente o termo aparece no movimento Internacional Letrista, que é um dos movimentos que funda a Sitacionista Internacional. Debord participa dos dois movimentos e é provável que venha daí sua familiaridade com o termo. Contudo, Denis Wood argumenta que a psicogeografia foi desenvolvida de modo independente e quase que ao mesmo tempo, nos anos 1950 e 1960, pelo grupo de Debord, na França, e por Kevin Lynch, primeiramente e, em seguida, por David Stea, nos EUA (WOOD, 2010).
- 

**SOBRE OS AUTORES:****Renato Guimarães Furtado**

Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com bolsa auxílio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-3656-9832>

E-mail: [renatogfurtado.34@gmail.com](mailto:renatogfurtado.34@gmail.com)

**Vinícius Andrade Pereira**

Professor da Faculdade de Comunicação Social (FCS) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com um pós-doutorado realizado no The Brown Institute for Media Innovation, da Universidade Columbia, em Nova Iorque, com bolsa da FAPESP (2015/2016); e um pós-doutorado realizado na Escola de Arte de Winchester, da Universidade de Southampton, na Inglaterra, com bolsa da CAPES (2023).

Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-3593-2521>

E-mail: [vinianp@gmail.com](mailto:vinianp@gmail.com)

**Artigo recebido em: 20 set. 2023. | Artigo aprovado em: 16 nov. 2023.**